



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
FACULDADE DE LINGUAGEM – LETRAS - LÍNGUA INGLESA**

ZAMARA RODRIGUES PINHEIRO

**A IDENTIDADE DO PROFESSOR DE LÍNGUA-CULTURA INGLESA EM
REVISTAS E SITES EDUCACIONAIS**

**Cametá - PA
2022**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
FACULDADE DE LINGUAGEM – LETRAS - LÍNGUA INGLESA**

ZAMARA RODRIGUES PINHEIRO

**A IDENTIDADE DO PROFESSOR DE LÍNGUA-CULTURA INGLESA EM
REVISTAS E SITES EDUCACIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em formato de artigo, apresentado à Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Tocantins/Cametá (CUNTINS), Faculdade de Linguagem – Letras - Língua Inglesa, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras, com habilitação em Língua Inglesa, sob a orientação do Prof. Dr. Lucas Rodrigues Lopes.

**Cametá - PA
2022**

A IDENTIDADE DO PROFESSOR DE LÍNGUA-CULTURA INGLESA EM REVISTAS E SITES EDUCACIONAISⁱ

Zamara Rodrigues Pinheiroⁱⁱ
Lucas Rodrigues Lopesⁱⁱⁱ
(Universidade Federal do Pará)

Resumo

Neste trabalho, investigamos as identidades de língua-cultura inglesa apresentadas pela mídia, para isso consideramos, os discursos em sites educacionais e escolas de línguas, sobre os quais examinamos o funcionamento dos discursos midiáticos, tendo em vista as propostas normativas da BNCC. A construção do corpus de análise deste trabalho foi realizada através da seleção de edições e de textos do site da Revista Nova Escola e do site da escola Cultura Inglesa. O desenvolvimento da pesquisa contou com contribuições dos estudos de Coracini (2003; 2013; 2014); Fernandes (2005); Foucault (2002; 2004; 2014); Gregolin (2008); Hall (2021); Lopes (2018). Também contamos com teóricos que contribuem nas abordagens do uso de tecnologias no ensino-aprendizagem de língua-cultura. Desse modo, as identidades dos professores de língua-cultura inglesa têm as constituições conforme os deslocamentos feitos, por si, ou pelas situações de ensino-aprendizagem em que fazem parte de acordo com os sites utilizados pela pesquisa. Concluindo, assim, que é relevante levar em consideração os diferentes discursos que constituem a formação identitária do professor de língua-cultura inglesa, uma vez que, por meio desta pesquisa, percebeu-se que as identidades daqueles que se nomeiam professores não são fixas e estão em constante mudança, refletindo e incidindo na formação e atuação desses profissionais.

Palavras-chave: Identidade; língua-cultura inglesa; formação; BNCC; Nova Escola.

Abstract

In this paper, we investigate the English language-culture identities presented by the media, we consider the discourses in educational websites and language schools, on which we examine the functioning of media discourses in view of the normative proposals of the BNCC. The construction of the corpus of analysis of this work was carried out through the selection of issues and texts from the website of Nova Escola magazine and the website of the Cultura Inglesa school. The development of the research counted contributions from the studies of Coracini (2003; 2013; 2014); Fernandes (2005); Foucault (2002; 2004; 2014); Gregolin (2008); Hall (2021); Lopes (2018). In addition to theorists who contribute in approaches to the use of technologies in language-culture teaching-learning. In this way, the identities of English language-culture teachers have their constitutions according to the displacements made, by themselves, or by the teaching-learning situations they are part of according to the sites used by the research. Thus, we conclude that it is relevant to take into consideration the different discourses that constitute the identity formation of the English language-culture teacher, since this research has shown that the identities of those who appoint themselves as teachers are not fixed and are in constant change, reflecting and affecting the formation and performance of these professionals.

Keywords: Identity; English language-culture; training; BNCC; Nova Escola.

Introdução

Tendo por objetivo analisar e descrever as representações de língua-cultura inglesa apresentadas pela mídia, consideramos, neste trabalho, os discursos presentes em sites educacionais e escolas de línguas, a destacar a Revista Nova Escola (<https://novaescola.org.br>) e a escola de idioma Cultura Inglesa (<https://www.culturainglesa.com.br>).

Nesse sentido, também refletimos e abordamos sobre alguns questionamentos e deslizamentos referentes à formação de professores de língua-cultura inglesa, verificando os discursos, que atravessam sites educacionais e de escolas de língua-cultura inglesa, uma vez que podem ressaltar ou deslocar visões sobre ensino-aprendizagem da língua-cultura inglesa. Assim, durante a realização da pesquisa, examinamos o funcionamento dos discursos midiáticos, considerando as propostas normativas da BNCC, por exemplo, que a língua-cultura inglesa deve ser ensinada na perspectiva de língua-franca.

Dessa forma, a língua-cultura inglesa adquire a representação de língua de acesso ao mundo globalizado, dando a entender que ser proficiente nesse idioma é ter a possibilidade do exercício efetivo da cidadania, ampliando, assim, as oportunidades e interações em diversos contextos e usos.

De acordo com Gregolin (2008), a mídia é pensada como prática discursiva, assim sendo, produto da linguagem e processo da história, nesse sentido, para realizarmos apreensão de seu funcionamento requer análises da circulação dos enunciados, compreendendo as colocações dos sujeitos, as formações dos sentidos e as relações enunciativas estabelecidas com a história e a memória.

Considerando assim, que “ao produzir sentido, o sujeito se produz, ou melhor, o sujeito se produz, produzindo sentido”, (ORLANDI, 1995, p. 4), com isso, observa-se os acontecimentos através da dimensão histórica do sujeito, pois é a história que promove a linguagem de sentidos.

Nesse viés, compreendendo, de acordo com as ideias de Fernandes (2005), que a noção de discurso implica considerarmos as condições histórico-sociais de produção que envolvem o discurso. Assim, ao trabalharmos com análises das identidades de professores de língua-cultura inglesa em revistas e sites educacionais, torna-se significativo a noção de que vislumbramos o discurso em seus acontecimentos, verificando ainda, segundo Foucault, em sua obra *Arqueologia do Saber* (2014, p. 23), que destaca “não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância”.

Revista Nova Escola: Contextualização

A Nova Escola surgiu em 1986 com o objetivo de contribuir com a educação no Brasil, buscando dar apoio aos professores, finalidade almejada pelo fundador da Editora Abril, Victor Civita.

A revista teve apoio do Governo Federal, que possibilitou publicações e distribuições mensalmente, gratuitamente, para mais de 210 mil escolas públicas brasileiras. Isso ocorreu até em 2010, período em que o Ministério da Educação (MEC) começou a realizar licitações públicas, que mantiveram a entrega da revista por quatro anos. Já em 2015, a venda em bancas e em pontos comerciais foi encerrada e a entrega das edições passou a ser exclusiva para os assinantes.

Tendo média de circulação mensal de 120 mil exemplares impressos, a revista tinha potencial para crescer ainda mais nas plataformas digitais. Com isso, a Fundação Victor Civita transferiu a marca NOVA ESCOLA para a Associação Nova Escola.

Nascida em 2015, a organização criada e mantida pela Fundação Lemann, uma instituição que trabalha para melhorar substancialmente o ensino no país. Desse modo, teve reformulação dos sites, assim a Revista Nova Escola, atualmente é uma plataforma digital que produz reportagens, cursos autoinstrucionais, formações, planos de aula e materiais educacionais para fortalecer os professores brasileiros e é acessada por cerca de 2,7 milhões de pessoas por mês. O site da Revista Nova Escola permite que qualquer educador brasileiro tenha acesso gratuito a 6.000 planos de aula multimídia, de todas as disciplinas, da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental.

De acordo com o site da Revista Nova Escola o objetivo é “fortalecer professores para transformar a Educação pública brasileira e possibilitar que os alunos desenvolvam o máximo do seu potencial”, ou seja, a revista enfatiza o papel de fortalecimento dos professores, o reconhecimento que as representações docentes fazem parte do desenvolvimento potencial dos alunos, e que o site colabora para a formação e desempenho dos profissionais da educação.

Algumas percepções sobre identidade

Ao discutirmos noções de identidade envolve inicialmente evidenciarmos que não se trata de algo unificado e imutável, mas que é heterogêneo. À vista disso, contamos com contribuições dos estudos de Coracini (2003); Fernandes (2005); Hall (2021); Lopes (2018).

De acordo com Coracini (2003), mesmo diante de um pensamento ilusório instaurado sobre o sujeito, a identidade não se trata de algo inato, contudo, naturalizada, e essa naturalização ocorre por processos que envolve o inconsciente, e permanecendo em sua incompletude, sempre em processo, sempre em formação. Ao encontro das ideias de Coracini (2003), Lopes (2018) nos faz refletir que o conceito de identidade surge de ações e de representações acerca de si e dos outros, tendo em vista que nos percebemos através dos outros, o que caracteriza a identidade a partir de uma utopia de integralidade e estabilidade.

Hall (2021, p. 12) reflete o seguinte:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.

Nesse viés, entende-se que o sujeito é composto por contradições, ou interrogações, onde o processo que faz parte da identificação, no qual refletimos nossas identidades, tornam-se efêmeros, e ainda de acordo com o autor, complexos.

Nessa perspectiva, compreendemos que as diferentes identidades reiteram a heterogeneidade que constitui o sujeito, respaldando que nenhuma identidade é fixa, mas moventes, de acordo com Fernandes (2005, p. 31), “revelam-nos a complexa constituição do sujeito no discurso. Pelos discursos materializados na/pela língua, vislumbramos os deslocamentos, as movências, e a pluralidade constitutiva do sujeito.”

Objetivos e justificativa

Nesse sentido, tendo por objetivo, em nossa pesquisa, as investigações das identidades de professores de língua-cultura inglesa em sites educacionais e revistas eletrônicas e escola de línguas, neste caso, destacando o site da Revista Nova Escola e o da escola Cultura Inglesa. Além disso, contrastamos as representações do que é ser professor de língua-cultura inglesa a partir da proposta normativa da BNCC e de sites educacionais e revistas eletrônicas. Buscando assim, contribuir para os estudos de formação de professores de língua-cultura inglesa dentro da perspectiva dos estudos discursivos.

Aspectos metodológicos

O corpus de análise deste trabalho teve sua construção realizada através do site da Revista Nova Escola e do site da escola Cultura Inglesa, a constituição do material referente ao site da Nova Escola deu-se através da seleção de edições e de textos, a partir disso, realizou-se os recortes discursivos, os quais foram analisados a fim de dar conta da proposta deste projeto de pesquisa, abrangendo desta forma as condições de produção do discurso sobre ensino-aprendizagem de língua-cultura inglesa em sites educacionais e revistas eletrônicas, refletindo sobre a representação do que é ser professor, estar entre línguas-culturas – materna e estrangeira.

Ressaltamos que este estudo é interpretativista. Sendo assim, a partir dos estudos do discurso, conforme propostos por Coracini (2013), trabalhamos com gestos de interpretação sobre um objeto de estudo descrito e analisado em suas particularidades tracejando a estrutura e funcionamento. Portanto, é compreendido que, a partir de um dispositivo teórico, os discursos fazem constituir o sujeito da pesquisa, pautando-se na temporalidade e espacialidade, instaurando um olhar crítico em torno da produção de sentidos que levam ao ensino-aprendizagem de língua-cultura inglesa diante dos documentos oficiais, adotados pelos sites educacionais e revistas eletrônicas ao orientarem metodologias e abordagens de ensino.

Nessa esteira de discussão, o desenvolvimento deste trabalho ocorreu a partir das contribuições dos estudos do discurso, a destacar Coracini (2003; 2013; 2014); Fernandes (2005); Foucault (2002; 2004; 2014); Gregolin (2008); Hall (2021); Lopes (2018), na interface com os que pesquisam o ensino-aprendizagem de línguas-culturas e o processo de mediação dos corpos frente à aplicação e uso da tecnologia no ensino. Sendo assim, dentro dessa perspectiva de estudos, refletimos sobre o que é dito na mídia sobre professores de língua-cultura inglesa, buscando, dessa maneira, tracejar os efeitos de sentido, contribuindo, assim, para os estudos de formação de professores de língua-cultura inglesa no Campus Universitário do Tocantins/Cametá, visando desconstruir o imaginário de que não dá para aprender inglês em escolas públicas.

Resultados e discussões

Tendo em vista que, ao analisarmos discursos, devemos interpretar os sujeitos falando, considerando a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades na sociedade. Verificando que "a ideologia se materializa no discurso, que por sua vez, é materializado pela

linguagem em forma de texto; e/ou pela linguagem não-verbal, em forma de imagens.” (FERNANDES, 2005, p. 14). Em nossa pesquisa consideramos a linguagens em forma de textos, e as linguagens não verbais, em forma de imagens.

Assim, considerando que em nosso projeto contrastamos as representações do que é ser professor a partir das propostas da BNCC e de sites educacionais, a primeira edição que selecionamos refere-se a Base Nacional Comum Curricular, mesmo que as discussões tenham ocorrido em 2014 antes da homologação da terceira versão da Base, as abordagens selecionadas continuam necessárias. Abaixo visualizamos um recorte retirado do site da Revista Nova Escola:

REVISTA DIGITAL

SET 2014

edição 275



Base nacional comum curricular: o que é isso?

Respondemos a 14 dúvidas dos educadores sobre direitos de aprendizagem e conteúdos para todas as escolas, em discussão no MEC

Nesta edição 275 de 2014, a qual tem como título: “Currículo nacional e seus impactos”, nos traz ainda a indagação: “Base Nacional Comum Curricular: o que é isso?”, assim, é destacado como observamos na imagem acima que o texto responde a 14 dúvidas dos educadores sobre direitos de aprendizagem e conteúdos para todas as escolas, em discussão no Ministério da Educação (MEC). Das 14 perguntas e respostas selecionamos 2, assim abordamos, alguns pontos específicos:

Refletindo sobre o primeiro destaque, no qual, a pergunta e resposta são: “O documento influenciará a formação docente?”

Sim. A existência de uma base curricular comum serve para que as graduações em Pedagogia, as licenciaturas e a formação continuada usem os direitos de aprendizagem

dos alunos como escopo dos seus programas. Os cursos universitários são pouco voltados a situações práticas. Pesquisa da Fundação Victor Civita (FVC) em parceria com a Fundação Carlos Chagas (FCC), de 2008, mostrou que apenas 28% das disciplinas oferecidas se referem aos conteúdos e atividades da sala de aula. A promessa é que a nova referência curricular ajude a mudar esse cenário. "Não adianta dizer o que e como ensinar nas escolas se os professores não estiverem adequadamente preparados. Por isso, faremos a formação deles articulada com a base", declara Maria Beatriz, do MEC.

Neste destaque, referente a formação docente, é evidente que o desenvolvimento profissional para a docência deve considerar os direitos de tudo que os estudantes devem aprender, e nesse sentido a Base vem orientar, tendo em vista, de acordo com a declaração de Maria Beatriz, de que não funciona apenas saber o que ensinar aos alunos, contudo, é necessário que os docentes estejam capacitados de acordo com as necessidades de ensino. Tendo em vista, de acordo com Leffa (2008), que a verdadeira formação não é aquela que incorpora apenas o que já sabemos, contudo, aquela que possibilita, principalmente o que não dominamos, ou não conhecemos.

Sousa e Celani (2017) destacam que a formação continuada é fundamental para que o trabalho do professor possa ser consciente, crítico e reflexivo. Refletindo que é necessário programas que foquem na formação identitária docente, considerando o profissional como um todo. Considerando ainda que a formação inicial recebida na graduação muitas vezes no contexto da globalização, o que se aprende acaba se tornando obsoleto, vista a velocidade com que as informações circulam nos meios sociais, tendo como principal auxiliar a internet.

Desse modo, a formação continuada seria uma das possibilidades, pois permite o avanço não somente ao professor, mas ao aluno e ao ensino-aprendizagem como um todo, porque a todo momento surgem novos desafios, e é essencial a consciência que a formação contínua permite buscar/enxergar soluções/novas estratégias para o ensino.

Já em nosso segundo destaque da edição 275, temos: “Como ficarão escolas em situação pouco convencional, como as rurais, as bilíngues e as quilombolas?”

A medida deverá valer para todas as instituições, inclusive as que estão inseridas em contextos específicos. Isso não significa, porém, que ensinamentos e tradições passados de geração a geração, tão importantes para esses povos, desaparecerão das salas de aula. Nesses casos, as escolas não deixarão de lado os direitos de aprendizagem descritos na base e vão acrescentar a seu PPP o que é característico da comunidade. Vale lembrar que uma das estratégias para atingir a meta 7 do PNE é que os currículos das instituições de ensino do campo ou que atendam comunidades indígenas ou quilombolas incluam os conteúdos culturais correspondentes. O objetivo, com isso, é fortalecer as práticas socioculturais de cada região.

Considerando a resposta referente à edição de 2014, na qual, discutiram algumas questões referentes à BNCC, observamos que a resposta revela que as propostas empregadas

devem considerar os diversos contextos, importando, “O objetivo, com isso, é fortalecer as práticas socioculturais de cada região.” Nessa perspectiva ao buscarmos a reflexão para a formulação atual da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e especificamente para as propostas para o ensino de língua-cultura inglesa, veremos que a aprendizagem de língua-cultura inglesa deve oportunizar formas de engajamento e participação na sociedade que é globalizada e diversificada “em que as fronteiras entre países e interesses pessoais, locais, regionais, nacionais e transnacionais estão cada vez mais difusas e contraditórias” (BRASIL, 2018, 241). Assim, os conhecimentos em língua-cultura inglesa possibilitam o agenciamento crítico dos estudantes para o exercício ativo no mundo.

Analisando dessa forma, de acordo com Zabala (2015), que o espaço escolar deve oportunizar a reflexão crítica da realidade, favorecendo compreensões dos fatos além de abordagens simplificadoras ou deformadoras, as quais não consideram o contexto dos alunos de escolas pouco convencional. Assim, o fortalecimento das práticas socioculturais, por exemplo, envolver capacitar e o trabalho para interpretar e para agir de forma crítica e responsável diante dos problemas sociais.

A próxima edição selecionada, é a edição 313 de 2018 (abaixo é possível visualizarmos), a qual faz referência a “Defasagem: como vencer esse obstáculo?”, nesse viés ao analisarmos os recortes feitos, investigando as identidades de professores diante a tal desafio de acordo com o site da Revista, também associamos esse “obstáculo” no ensino-aprendizagem de língua-cultura inglesa.

REVISTA DIGITAL

JUNHO/JULHO 2018

edição 313



Defasagem: como vencer esse obstáculo?

O desafio de fazer com que todos os estudantes avancem até o topo exige esforço do sistema educacional inteiro. Mas o professor não está de mãos atadas

De acordo com Marson (2021), as competências, conforme a BNCC sustenta, a partir de diferentes práticas de ensino, deve contribuir para afirmar valores que impulsionem a transformação mais justa e humana da sociedade. Nesse sentido, é primordial que todos possam se desenvolver e avançar nesse desenvolvimento das competências em destaque pelo documento normativo, por exemplo. Contudo, nem sempre todos avançam no mesmo ritmo, e assim, surge um grande problema na educação. Na análise realizada sobre a edição mencionada neste tópico, temos o seguinte discurso inicialmente: “O desafio de fazer com que todos os estudantes avancem até o topo exige esforço do sistema educacional inteiro. Mas o professor não está de mãos atadas.” Ou seja, neste destaque observa-se algumas constituições da identidade docente, refletimos o seguinte, é colocado que o avanço dos alunos exige esforço do sistema inteiro, em seguida, é respaldado que o professor “não está de mãos atadas”, ou seja, de qualquer forma o professor representa a responsabilidade da progressão no ensino, de acordo com o discurso em destaque na edição.

Essa representação é reforçada no recorte a seguir retirado do texto desta edição em análise:

Imagine a trajetória escolar como a subida de uma montanha, na qual você, professor, é o guia do grupo de alpinistas, os alunos. Eles precisam chegar ao topo, e sua responsabilidade é garantir que consigam fazer isso juntos. Todos são perfeitamente capazes de cumprir o trajeto, mas uns são mais rápidos, outros mais lentos e outros, ainda, têm menos firmeza no passo.

Neste recorte, é perceptível que o dilema da defasagem na aprendizagem, é uma questão no sistema educacional brasileiro. Com isso, trazendo para o contexto do componente de língua-cultura inglesa, podemos refletir o professor que por vezes recebe uma turma e começa a notar que alguns alunos não conseguem cumprir tarefas básicas como ler, localizar informações no texto, por exemplo.

Compreendendo que a defasagem de acordo com o site da Revista Nova Escola, trata-se da “distância entre o que o aluno sabe e o que ele deveria saber em uma determinada idade ou ano da Educação básica para que continue avançando.” E o que um aluno deveria saber, em geral, é definido por documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual estabelece quais os objetivos de aprendizagem precisam ser alcançados a cada ano.

As últimas edições selecionadas envolvem o Prêmio Educador Nota 10, o qual é uma iniciativa da Fundação Victor Civita em parceria com a Fundação Roberto Marinho, com apoio da Nova Escola, Instituto Rodrigo Mendes e Unicef, e patrocínio da Fundação Lemann (mantenedora de Nova Escola), e BDO e da Somos Educação. Os projetos inscritos são

avaliados pela Academia de Seleccionadores e Jurados, composta por especialistas em cada área do conhecimento.

A edição de número 316, a qual é destacada na imagem abaixo, tem como título: “Educadores que acreditam/eles acreditam”, esta edição é referente: “Os dez vencedores do Prêmio Educador Nota 10 têm em comum a crença nos alunos, na comunidade e na escola pública.”

REVISTA DIGITAL

OUTUBRO 2018

edição 316



Educadores que acreditam

Os dez vencedores do Prêmio Educador Nota 10 têm em comum a crença nos alunos, na comunidade e na escola pública

Em nossa análise selecionamos apenas a premiada com projeto referente ao ensino do componente Língua Inglesa. Assim, o destaque foi para o projeto: “We speak the same Language”, esse projeto foi desenvolvido pela professora de inglês Cristiane Dias, de Criciúma (SC), trabalhando a partir do contexto da diversidade de fora para dentro da escola. Tendo em vista que na cidade havia a presença de imigrantes haitianos, ganeses e senegaleses desde 2014 e, com isso, tornou-se cada vez mais comum o contato com pessoas que não falavam português pelo local.

Sendo assim, diante a uma situação em que imigrantes tentavam sem sucesso se comunicar com a atendente de uma loja fez ela refletir sobre seu papel de educadora. Tendo dessa forma o questionamento: “Me perguntei se meus alunos tentariam ajudá-los ou se teriam medo ou vergonha de falar inglês”, foram essas questões que serviram de inspiração para a criação da sequência didática “We speak the same Language”, trabalhada com o 9º ano da EEB Maria Jose Hulse Peixoto.

A professora fez uso das aulas de inglês para a abordagem de questões que não só ajudaram a turma a se comunicar com os estrangeiros, mas também relembrar a história de

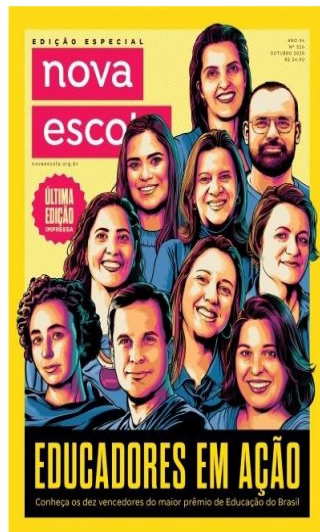
imigração que deu origem à cidade em questão. Apresentando, por exemplo, o conceito de xenofobia e discutindo os antepassados dos alunos. De acordo com o discurso da professora: “Refletimos sobre o fato de sermos todos, de alguma forma, imigrantes”.

Além disso, os alunos discutiram como usar nomes de lugares, adjetivos e direções em inglês. Ao fim da etapa, estavam preparados para realizar diálogos entre alguém que pede informações sobre um lugar e alguém que fornece a localização. Dessa forma, “O trabalho confere propósito ao aprendizado da língua estrangeira já que ela se apresenta como possibilidade de incluir os ‘de fora’”, explica Laura Nassar, professora do Colégio Oswald de Andrade, em São Paulo, e selecionadora do Prêmio Educador Nota 10.

O trabalho desenvolvido pela professora contempla por exemplo: “Habilidade (EF09LI19): Discutir a comunicação intercultural por meio da língua inglesa como mecanismo de valorização pessoal e de construção de identidades no mundo globalizado.” (BRASIL, 2018, p. 263). Assim, verificamos que as identidades docentes representadas pela docente na execução deste projeto envolvem o reconhecimento de questões que não partiram de dentro da sala de aula, mas que foram trazidas para a o ensino-aprendizagem de língua-cultura inglesa. Dessa forma, a vencedora reforça o destaque como visto na imagem da edição de que “os vencedores do Prêmio Educador Nota 10 têm em comum a crença nos alunos, na comunidade e na escola pública.”

Percebendo assim, no viés das ideias de Orlandi (2012), que os sentidos existem a partir das posições ideológicas através das questões sócio-históricas em que os discursos são produzidos, ou seja, os sentidos dependem das posições daqueles que empregam as palavras.

Na edição 326 de outubro de 2019, a qual podemos visualizar na imagem abaixo, com os destaques: “Educadores em ação/Educadores que fazem a diferença”, temos ainda destacado: “Os dez professores e gestores vencedores do Prêmio Educador Nota 10 mostram que é possível dar voz aos alunos e acreditar em uma educação pública de qualidade.”



Educadores que fazem a diferença

Os dez professores e gestores vencedores do Prêmio Educador Nota 10 mostram que é possível dar voz aos alunos e acreditar em uma educação pública de qualidade

Nesse sentido, as identidades desses profissionais refletem papéis que fazem parte da transformação da educação, em especial, da educação pública.

Desta edição selecionamos o projeto intitulado: “Os Beatles – seu tempo e sua história”, desenvolvido pela professora Arabelle Calciolari na EMEB Maria Angélica Lorençon de Jundiaí – SP, para Língua Estrangeira – 4º ano / Anos Iniciais – Ensino Fundamental.

No projeto, Arabelle colocou em prática o ensino da língua inglesa aliado com outros conceitos, priorizando a exposição dos alunos à língua e ao universo cultural e social que permeia as obras musicais dos Beatles. A história de cada composição, informações sobre o contexto das décadas de 1960 e 1970 e o engajamento político que a banda adotou foram acrescentadas por Arabelle e assim a turma entrou em contato com questões como a segregação racial e a guerra do Vietnã.

A selecionadora do projeto de Arabelle, Laura Meloni Nassar, que atua no Prêmio desde 2014, destaca a inovação da jundiaense. Respalamos assim, que a professora Arabelle conseguiu realizar um projeto nada convencional e com uma sequência didática fantástica, unindo o ensino da língua-cultura inglesa com história e o contexto histórico, a partir de letras das músicas, vídeos e reportagens.

Desse maneira, respaldamos, de acordo com Orlandi (2016), que, quando se refere a conhecimento não é quantidade que interessa, contudo, os modos de produção, e as relações estabelecidas entre a linguagem, o mundo e pensamentos, que resultam da compreensão disso

tudo. Importando assim, como o conhecimento está significando nas relações que estabelecemos com a sociedade em geral, e em suas particularidades.

Após consideramos as edições selecionadas, analisamos recortes retirados de 2 (dois) textos do site da Revista Nova Escola, relacionados especificamente à língua-cultura inglesa, nesses textos refletimos aspectos que constituem as identidades de professores de língua-cultura inglesa, além disso, contrastamos com as orientações da BNCC, considerando que a Revista Nova Escola orienta-se pelo documento normativo, logo, as identidades refletem as propostas tanto do site, quanto do documento normativo da Base.

O texto I, “Língua Inglesa: como ensinar o componente alinhado à Base”, respaldando: “Idioma passa a ser considerado como língua franca, e conteúdos e materiais trabalhados em aula devem transmitir a multiculturalidade”

Nesse primeiro texto é discutido o ensino de língua-cultura em conformidade com a Base Nacional Curricular (BNCC), a qual compreende que uma das principais mudanças é para o ensino da língua-cultura no contexto social e político do idioma. Assim, passa a ser um instrumento de comunicação perante a globalização.

Dessa forma, refletimos que as identidades docentes de língua-cultura inglesa na Base e de acordo com as abordagens do texto da Revista Nova Escola espelham entre outros aspectos relativos, a contextualização social e política do Inglês, respaldando implicações de língua franca, de multiculturalidade, por exemplo.

Nessa perspectiva, analisamos discursos em que o texto I respalda três pontos da BNCC para Língua Inglesa, ao destacar tais pontos, o site da Nova Escola tece a construção identitária do professor que ministra aulas de língua-cultura inglesa.

O primeiro ponto é sobre: “Contato com a língua real”, neste temos: “A Base traz a visão de que a criança e jovem aprendem na prática comunicativa e em contato com a língua real. A maneira de ensinar também muda, pois ressignifica a relação entre falantes, língua (materna ou estrangeira) e contexto geográfico-cultural.” Assim, refletindo de acordo com as ideias de De Albuquerque (2020), o qual compreende que em todo contato entre o que é global e local, ocorre recontextualização e ressignificação tanto do que são globais, quanto locais.

A segunda abordagem trata-se: “Inglês deve ser aprendido com contexto cultural e social”, ou seja, a Base enfatiza que a aprendizagem do inglês deve possibilitar novas formas de participação de jovens e crianças diante a globalização no mundo, assim, o ensino do inglês deve ter propósito social para os alunos. Nesse viés, é necessário ter “sensibilidade e olhar crítico”, pois as necessidades exigem o aprimoramento do processo formativo de professores

de línguas para a prática social diante de um mundo com grandes diversidades, Lopes e Pitombeira (2019).

No último ponto, “BNCC incentiva uso de textos originais e da oralidade”, nesse quesito o professor deve trabalhar não apenas com conteúdos linguísticos, mas também culturais, pois eles serão sempre produtos da língua como prática social, de acordo com Alexandre Badim, coordenador do Centro de Línguas da Universidade Federal de Goiás.

Compreendendo de acordo com Pereira (2015, p. 29):

A identidade adquire sentido por meio da linguagem, a qual é entendida como discurso, enquanto prática social que envolve os sujeitos em determinadas condições de produção. Todo discurso provém de um sujeito posicionado sócio-historicamente em uma formação discursiva dada, que marca suas posições identitárias e o localiza na vida social no e pelo discurso. Sendo assim, ao enunciar, o sujeito assume diferentes papéis que podem ter maior ou menor relevância de acordo com o contexto enunciativo, embora todos eles sejam parte constituinte de sua identidade.

Com isso, verifica-se que as práticas sociais envolvem os sujeitos diante às condições de produção com posições sociais e históricas, as quais marcam suas identidades e são localizadas no e pelo discurso.

No texto II intitulado: “Por que o ensino da Língua Inglesa não deve ignorar fatores culturais”, esse foi produzido através de entrevista com especialista, a qual defende o ensino de línguas estrangeiras com a inclusão dos aspectos culturais do idioma.

Nessa entrevista concedida à Nova Escola, a professora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Laura Fortes, Doutora em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), durante a entrevista a docente traz em seus relatos como o contato com outros idiomas amplia o repertório do aluno, possibilitando novas perspectivas sobre a própria cultura e até mesmo sobre as posições construídas social e historicamente. A seguir analisamos alguns recortes da entrevista:

A primeira pergunta realizada pela Nova Escola, questionou: “o aluno que se apropria de uma segunda língua tem recursos para ler o mundo. essa é uma afirmação pertinente? em que sentido?” a tal questionamento Laura Fortes, respondeu:

Acredito que, se o aluno passou pelo processo de aprendizagem de línguas com foco em suas diferentes práticas sociais, tanto materna quanto estrangeira, poderá posicionar-se de modo engajado em diversos campos de atuação em nossa sociedade contemporânea. Nesse sentido, o contato com outras línguas poderá ampliar esse campo de atuação, possibilitando aproximações com outros efeitos de sentido, produzidos histórica e culturalmente.

Assim, a apropriação de uma segunda língua amplia o engajamento do aluno na sociedade em que vive. Considerando conhecimentos diversos, tanto locais quanto globais, em movimento conjunto, favorecendo os diversos saberes.

Para o segundo recorte temos a pergunta: “Nesse processo de apropriação de uma outra língua, é importante que o aluno consiga se apropriar também de elementos da cultura, para que a língua tenha o valor formativo que a Base se refere?”

A divisão de língua e cultura tem sido discutida por diversas pesquisadoras no campo da linguística aplicada, dentre as quais se destaca a Professora Maria José Coracini, da Unicamp, que defende a ideia de “língua-cultura”. Ou seja, não há separação entre língua e cultura, pois, ao enunciar algo por meio da língua, o sujeito já está, mesmo que inconscientemente, fazendo sentido a partir da cultura, isto é, a partir de conceitos, valores e ideologias socialmente e historicamente construídos.

Nessa abordagem, a entrevistada reflete um ponto fundamental para a constituição da identidade do professor de língua-cultura inglesa, pois de acordo com a pergunta realizada pela Nova Escola, traz a reflexão de que a apropriação de elementos culturais é importante, além disso, esse aspecto confere o caráter formativo orientado pela BNCC. E durante a resposta a professora Laura Fortes debate que a divisão entre língua e cultura passam por discussões por alguns pesquisadores, a destacar a linguista Coracini, a qual faz parte do suporte teórico desta pesquisa, pois defende a língua-cultura, na perspectiva de que ao enunciarmos por meio da língua, mesmo que por vezes de forma inconsciente, produzimos sentidos através da cultura.

Com isso, trazemos uma citação que faz emergir ainda a noção de que “adentrar nas discursividades de uma língua-cultura outra pressupõe deixar-se constituir por ela, lançar-se na aventura, sem volta e sem fim, do (im)possível, do (in)explicável, da (trans)formação” (CORACINI, 2014, p. 21), ou seja, indiscutivelmente nessa constituição o sujeito é atravessado por fatores que envolve língua-cultura em sua construção.

No último recorte selecionado do segundo texto, temos como questionamento o seguinte: “Como o professor deve atuar para ensinar além da língua, a cultura, ou uma nova forma de ver e pensar o mundo?”, assim recortamos:

A resposta a essa pergunta constitui um grande desafio, pois o ato de ensinar vai além das escolhas pedagógicas, metodológicas e didáticas. O ato de ensinar é dinâmico e, portanto, construído desde o planejamento até as interações em sala de aula e fora dela. Entretanto, eu arriscaria dizer que a concepção de língua-cultura, por exemplo, ou outras concepções de língua mais abrangentes (tais como as elaboradas pelas teorias de letramentos) possam constituir caminhos possíveis para a reflexão e atuação do professor no contexto de ensino formal de línguas. A língua, inclusive a estrangeira, tem um valor linguístico, mas também um valor humano.

Com isso, o professor de língua-cultura que se atenta a ter esse olhar sobre o aluno, poderá “trabalhar a questão da cultura materna e a do país estrangeiro diante das (in)diferenças à singularidade de cada aluno” (LOPES & PITOMBEIRA, 2019, p. 122), e com essas noções

contribuirá para a valorização da diversidade cultural, e conseqüentemente com o desenvolvimento discursivo e repertório cultural.

Considerando que em nosso trabalho além dos discursos referentes a língua-cultura Inglesa na Revista Nova Escola também interessamo-nos em refletir criticamente sobre alguns questionamentos e deslizamentos, que dizem respeito à formação de professores de língua-cultura inglesa, considerando os diversos discursos, que atravessam escolas de línguas, neste caso, destacamos como dito inicialmente a escola Cultura Inglesa, tendo em vista que os discursos veiculados no site da escola podem moldar ou deslocar visões sobre ensino-aprendizagem da língua-cultura inglesa.

A escola de idiomas Cultura Inglesa foi fundada em 1934 no Rio de Janeiro, em 1935 também passou a existir em São Paulo. Atualmente, a escola Cultura Inglesa está presente em várias outras cidades do Brasil. Estabelecendo desde sua fundação ligações estreitas com o British Council, com quem partilha programas de intercâmbio cultural e educacional.

Assim, retiramos do site da escola Cultura Inglesa alguns destaques que podem ser vistos através das imagens abaixo, os quais nos possibilitam refletir sobre a formação docente para o ensino-aprendizagem do idioma Inglês, e obviamente abordar as identidades de professores de língua-cultura inglesa no site da escola selecionada.

Por que escolher a Cultura Inglesa?

Conheça nossos diferenciais:



Aulas ao vivo pela internet ou presenciais

Estude em casa ou em uma de nossas unidades. Você escolhe!



Inovação na aprendizagem

Exclusiva plataforma de experiência gamificada, podcasts, webinars e muito mais!



Atividades culturais

Aprenda inglês com shows, músicas, teatro, artes e muita cultura!



Qualidade e Tradição

Material didático exclusivo, professores líderes do mercado e metodologia inovadora.

Na imagem, postada acima, inicialmente é visualizado o questionamento: “Por que escolher a Cultura Inglesa?”, em seguida observam-se os destaques, o primeiro refere-se à flexibilidade para quem escolhe estudar na Cultura Inglesa, uma vez que as aulas podem ocorrer de forma presencial, ou virtual.

No segundo diferencial, de acordo com o site, a aprendizagem ocorre de forma inovadora, pois esta possibilita experiências tais como: Games. Podcasts, webinars, ou seja, recursos tecnológicos e dinâmicos no ensino do idioma.

Além disso, é enfatizado no terceiro ponto, o ensino abordando aspectos culturais. Já no último temos ressalvas relativas à questão dos materiais didáticos, os quais são exclusivos, os professores que atuam na escola são líderes “do mercado e metodologia inovadora”.

No site da escola de idiomas, é destacado, que o corpo docente recebe benefícios, tais como, cursos, bolsas de estudos para frequentar instituições de treinamento e de pesquisa na Grã-Bretanha, por exemplo, que favorecem a formação do professor, com isso, o site respalda, que investimentos como esses possibilita metodologias de qualidade, de acordo com as necessidades atuais de aprendizagem do idioma.

Assim, refletimos os destaques do site da escola Cultura Inglesa no viés das ideias de Coracini (2013), a qual compreende que a mídia em geral, “ao mesmo tempo em que atende as expectativas de seu público, reproduzindo/repetindo o que ele quer ver/ouvir (consciente ou inconscientemente), traz sempre o novo, o inesperado”, pois analisamos que os discursos utilizados pelo site afetam o modo como o sujeito aluno percebe o ensino-aprendizagem, e obviamente as identidades docentes que são atravessadas por esses enunciados, ou seja, o professor de língua-cultura que tem a representação dinâmica, inovadora, “líder no ensino”.

Considerações finais

Por fim, diante às análises realizadas sobre os materiais selecionados do site da Revista Nova Escola e da escola Cultura Inglesa, refletimos que as identidades dos professores de língua-cultura inglesa nesses sites, são constituídas através de enunciados que buscam produzir/reproduzir através das orientações, tais como da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino-aprendizagem de língua-cultura.

Nesse sentido, verificamos que as identidades dos professores de língua-cultura inglesa, são repletas por diferentes posições assumidas pelo sujeito, neste caso, o sujeito professor de língua-cultura. Percebendo que “o sujeito, assim como a identidade, está sempre em movimento, desloca-se constantemente, e cada lugar ocupado por ele o faz mostrar-se outro,

diferente de si, o que atesta o caráter contraditório e inacabado da identidade”, (FERNANDES, 2005, p. 31), ou seja, o professor tem a construção de sua identidade conforme os deslocamentos feitos, por si, ou pelos contextos de ensino-aprendizagem em que faz parte.

Assim, trazendo as ideias de Lopes e Pinheiro (2022), refletimos que as aulas de língua-cultura inglesa fazem parte de um lugar de identificação “de si e do outro”, tendo em vista um mundo de línguas-culturas. Destacamos ainda de acordo com os autores, os quais trazem à reflexão que mesmo diante dos desafios espaciais e geográficos, “a educação necessita atravessar o desenvolvimento por meio das novas tecnologias, com novas linguagens e modos de interação, seja na pesquisa, no compartilhamento, nos posicionamentos e produção de sentidos”, nesse sentido compreende-se que diante a todas as abordagens realizadas neste trabalho percebe-se que as representações de língua-cultura inglesa na mídia e seus impactos no ensino-aprendizagem no curso de Letras – Inglês, por exemplo, reflete sobre os diversos modos que o sujeito em formação no curso licenciatura, neste caso, pode pensar sobre o processo formativo para a atuação enquanto professor de língua-cultura inglesa.

Finalmente, concluímos que esta pesquisa traz contribuições para o ensino-aprendizagem de língua-cultura inglesa, e obviamente para a formação de professor de língua-cultura, tendo em vista desse modo, ao pensarmos contribuições para o município de Cametá-Pará, reflete no sentido de tencionamos que o professor que é habilitado para ensinar língua-cultura ele deve ter entre outras implicações, diferentes perspectivas, no sentido, de que este tem orientações normativas para o ensino de língua-cultura inglesa, e também refletir que ao fazer uso de propostas de sites educacionais, como o da Revista Nova, que apesar de desenvolver atividades segundo as orientações da Base, são propostas de ensino, que necessitam de reformulações, com isso, o docente diante sua formação precisa ter consciência e habilidades para adaptar de acordo com as práticas de ensino que seus alunos precisam, considerando assim, na cidade cametaense os diversos aspectos de cada local, seja em comunidades ribeirinhas, quilombolas, ou na Zona Urbana, pois é necessário a reflexão dos discursos que são veiculados em diferentes meios, principalmente em meios que são designados para servir de apoio pedagógico e instrumento de desenvolvimento do profissional docente, (DA SILVA, 2017, p. 22). Afinal, ao considerar os discursos que fazem parte das identidades do professor de língua-cultura inglesa, percebe-se que as identidades estão o tempo em movimento diante as diferentes perspectivas de ensino-aprendizagem, e principalmente em relação aos funcionamentos de tais orientações.

Referências

Arabelle Calciolari, Educadora Nota 10 - 2019. Disponível em: <https://educa10.podbean.com/e/arabelle-calciolari-educadora-nota-10-2019/>. Acesso em: 25 mai. 2022.

BRASIL, MEC. Base Nacional Comum Curricular (BNCC), 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> Acesso em: 28 de abril de 2021.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. *Identidade e Discurso*. Campinas: Argos/Editora da UNICAMP, 2003.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. *A celebração do Outro: Arquivo, Memória e Identidade*. Campinas: Mercado das Letras, 2013.

CORACINI, Maria José. Entre adquirir e aprender uma língua: subjetividade e polifonia/Between Acquiring and Learning a Language: Subjectivity and Polyphony. *Bakhtiniana*, São Paulo, 9 (2): 4-24, Ago./Dez. 2014.

Coracini, Maria José. (2003). A celebração do outro na constituição da identidade. *Organon*, 17(35).

CULTURA INGLESA. Cursos de Inglês - Cultura Inglesa 85 anos no ensino do idioma. Disponível em: <https://www.culturainglesa.com.br>. Acesso em: 10 mai. 2022.

DA SILVA, José Ronaldo Ribeiro et al. CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA DO SUJEITO DOCENTE EM UMA REPORTAGEM DA REVISTA NOVA ESCOLA. *Macabéa-Revista Eletrônica do Netlli*, v. 5, n. 1, p. 15-26, 2017.

DE ALBUQUERQUE, Mariana Lyra Varela; HAUS, Camila. Decolonialidade e inglês como língua franca: diálogos com professores brasileiros. *Cadernos do IL*, n. 61, p. 181-208, 2020.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos V*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução por Luiz Felipe Beta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

GREGOLIN, Maria. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. **Comunicação mídia e consumo**, v. 4, n. 11, p. 11-25, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Lamparina, 2021.

LEFFA, Wilson J. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**, v. 2, p. 353-376, 2008.

LOPES, Lucas Rodrigues. **Moradores de rua em vídeos do youtube: (des)(re) territorializações do espaço-tempo no(s) discurso(s) de si e do(s) outro(s)**. Tese (Doutorado), Unicamp, São Paulo, 2018.

LOPES, Lopes Rodrigues; PINHEIRO, Zamara Rodrigues. O professor de línguas-culturas e(m) itinerários formativos no Baixo Tocantins - Enfrentamentos e apontamentos em torno da formação cidadã. In: Bruna Beatriz da Rocha; Rebeca Freitas Ivanicska; Waldemar Borges de Oliveira Júnior. (Org.). *Educação e diversidade: Itinerários formativos docentes e trajetórias para a formação cidadã*. 1ed. Itapiranga/SC: Editora Schreibern, 2022, v. 1, p. 399-406.

LOPES, Lucas Rodrigues; PITOMBEIRA, Cátia Veneziano. A tecnologia e a formação do professor de línguas no Brasil sob holofotes da Teoria da Complexidade e da análise dialógica do discurso. **hipertextos revista digital**, v. 21, p. 115-125, 2019.

MARSON, Marilice Zavagli. Ensino de língua inglesa no Brasil e decolonialidade: uma possível discussão com base na BNCC. **REEDUC-Revista de Estudos em Educação (2675-4681)**, v. 7, n. 2, p. 10-19, 2021.

MONTE MÓR, Walkiria. 2015. Crítica e Letramentos Críticos: Reflexões Preliminares in C H Rocha e R F Maciel (Orgs) *Língua Estrangeira e Formação Cidadã: Por entre Discursos e Práticas*. Campinas: Ed Pontes, p 31-50, 2ª Edição, Edição Expandida, pp 31-50.

NOVA ESCOLA. Prêmio Educador Nota 10: indicações literárias dos vencedores de 2020. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/19777/premio-educador-nota-10-conheca-indicacoes-literarias-dos-professores-vencedores-de-2020>. Acesso em: 05 abr. 2022.

NOVA ESCOLA. Como a diversidade pode potencializar a educação. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12633/diferencas-que-ensinam>. Acesso em: 05 abr. 2022.

NOVA ESCOLA. Língua Inglesa: como ensinar o componente alinhado à Base. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/14366/lingua-inglesa-como-ensinar-o-componente-alinhado-a-base>. Acesso em: 07 abr. 2022.

NOVA ESCOLA. Por que o ensino da Língua Inglesa não deve ignorar fatores culturais. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/13293/por-que-o-ensino-da-lingua-inglesa-naodeve-ignorar-fatores-culturais>. Acesso em: 23 nov. 2021.

NOVA ESCOLA. Base nacional comum curricular: o que é isso? Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/9031/base-nacional-comum-curricular-o-que-e-isso>. Acesso em: 09 out. 2021.

NOVA ESCOLA. Defasagem: como vencer esse obstáculo? Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/11838/defasagem-como-vencer-esse-obstaculo>. Acesso em: 04 mai. 2022.

NOVA ESCOLA. Educadores que fazem a diferença. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/18446/educadores-que-fazem-a-diferenca>. Acesso em: 27 dez. 2021.

NOVA ESCOLA. Educadores que acreditam. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12657/educadores-que-acreditam>. Acesso em: 27 dez. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. **DIAS, Cristiane. Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital [online]. Série e-urbano**, v. 2, 2013.

Orlandi, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Pontes, p. 15-95, 2012.

Eni de Lourdes Puccinelli. Educação e sociedade: o discurso pedagógico entre o conhecimento e a informação. *Revista latino-americana de estudos do discurso*, v. 16, nº2, p. 70-76, 2016.

PEREIRA, Taciana Virgínia Ramalho; STEIGENBERGER, Fabiana Fernanda. A representação da identidade do professor na discursivização da revista nova escola. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**, v. 2, n. 4, p. 25-29, 2015.

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. **Como aprender e ensinar competências**. Penso Editora, 2015.

ⁱ Trabalho desenvolvido com o apoio do Programa PIBIC/UFPA.

ⁱⁱ Graduanda do curso de Letras – Língua Inglesa da Universidade Federal do Pará. Bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: zamaralirodrigues@gmail.com.

ⁱⁱⁱ Docente do Curso de Letras – Língua Inglesa, Campus Universitário do Tocantins – Universidade Federal do Pará. E-mail: lucaslopes@ufpa.br.